

IDÉIA PARA UM "BALLET" DE DALAL

OUTRO dia conheci Dalal Achcar, e fiquei encantado com essa môça que tem a coragem de organizar um *ballet* e sair com êle pelo mundo alegremente como se *ballet* não fôsse o pior negócio em que uma pessoa pode se meter. Voltou agora da Europa e está cheia de dívidas e de entusiasmo, querendo fazer *tournee* pelo Brasil, rodar pela América do Sul e do Norte. Fala com volubilidade e teimosia — e, como tôda pessoa que só se interessa por arte, está sempre preocupada com a crise de dinheiro. Fôra verdadeira a recíproca — as pessoas que só se interessam por dinheiro estarem sempre preocupadas com a crise da arte — e Dalal não teria problema. Eu, que não penso demasiado em uma coisa nem em outra, apesar de gostar das duas, fiquei enternecido com aquela vibração juvenil, e cheguei a pensar em pôr à disposição de seu *ballet* minha fortuna pessoal — o que não fiz por considerar que ela talvez não desse sequer para a montagem de um *pas de deux*. Mas tinha de fazer alguma coisa — e prometi escrever um *ballet*.

E escrevo. Ainda não fixei bem o enredo, mas tenho a idéia. Para começar, Dalal deve procurar o Sr. Sebastião Paes de Almeida, que é um homem que lida com vidros — faz, compra e vende vidros — e apesar de trabalhar com tão frágil material é considerado uma das fortunas mais sólidas e inquebráveis do Brasil.

Dalal lhe proporá alegremente um meio de diminuir o seu impôsto de renda — pois os manuais americanos da arte de conseguir alguma coisa do próximo ensinam que a gente deve começar por lhe oferecer algo. O Sr. Sebastião, que é um dos maiores contribuintes, ficará certamente encantado com a idéia gentil daquela môça bonita, e perguntará: "Como assim?" Ela então explicará que precisa de quatro bons painéis de vidro *ray-ban* azul, que seriam doados em benefício da

arte e da ciência, e portanto, diminuiriam seus impostos.

A pessoa a procurar em seguida é o Sr. Jânio Quadros, a quem será solicitado um bilhete para o Instituto Nacional de Pesquisas Científicas ou coisa semelhante, ordenando que dentro do imenso caixote de vidro já armado a esta altura no palco do Municipal, providencie as instalações necessárias a diminuir ou anular a força da gravidade, como aquelas que servem para treinamento dos astronautas.

O terceiro homem da história — e o único a entrar na câmara azul — será o bailarino soviético Yuri Gagárin, o homem que viu com seus olhos que a Terra é redonda e contou que, além de tudo, ela é também azul — a mais linda notícia do século. Depois disso a própria Dalal entrará na câmara — e começará o meu *ballet*.

O tema será, naturalmente, "O Primeiro Espaço". O fundo do palco será ocupado por sal no Espaço Cósmico" ou "O Primeiro Amor uma tela em que será projetado um filme — mostrando, a princípio, o Rio de Janeiro visto de mil metros de altura, depois de dez mil. À medida que o *ballet* se desenvolve, o filme irá mostrando províncias, países, continentes, oceanos, até aparecer tôda uma face de uma imensa esfera azul — a Terra. O *pas de deux* começará de maneira convencional, mas quando a força da gravidade fôr diminuída de 5 por cento os bailarinos já poderão dar saltos com que Nijinski jamais ousou sonhar ou fazer *entre-chats* de vinte batidas. Pouco a pouco os corpos dos dois amantes irão se libertando da sujeição à gravidade, adejando numa euforia ideal, até pairarem ou voejarem livres e lentos, no ar azul. E começará então a descida...

Eis a minha idéia, gentil Dalal. Pode ser que a execução seja um pouco difícil, mas estou certo de que uma jovem com mania de *ballet*, teimosa e encantadora como você, é capaz de conseguir qualquer coisa, neste planêta ou em outros.